

## **“O MUNDÃO SEM PORTEIRA”: TÓPICOS DA REPRESENTAÇÃO DE GOIÁS NA NARRATIVA DE BERNARDO ÉLIS – DERIVAÇÕES DO CERRADO**

*“THE BIG WORLD WITHOUT FARM GATE”: TOPICS OF THE REPRESENTATION OF GOIÁS IN THE NARRATIVE OF BERNARDO ÉLIS – DERIVATIONS OF THE CERRADO*

**Eguimar Felício Chaveiro**

Universidade Federal de Goiás (UFG/IESA/Dona Alzira, ICEBE)  
eguimar@hotmail.com

**Fernando Uhlmann Soares**

Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde (IFGoiano/LABIG, Dona Alzira, ICEBE)  
fernando.soares@ifgoiano.edu.br

**Adão Francisco de Oliveira**

Universidade Federal do Tocantins (UFT, Dona Alzira)  
adaofrancisco@gmail.com

**Resumo.** A narrativa de Bernardo Élis é uma das maiores fontes de leitura de Goiás. Originária de uma tradição regionalista, mas com timbre próprio, a sua obra, em forma de contos, poesias e romances, situada historicamente e espacialmente, enreda os problemas dramáticos do sertanejo goiano. Com o objetivo de interpretar pontos da representação de Goiás detidamente no modo como a obra narra os Ermos goianos, ou o “mundão sem porteira”, este trabalho decorre de um arco de diálogos constituídos no ativismo dinâmico promovido pelo Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE). Uma problemática mobiliza a reflexão: como a ficção bernardiana contribui para ler Goiás?

**Palavras-chaves.** Ermos, mundo sertanejo, narrativa, regionalista, representação de Goiás.

**Abstract.** Bernardo Élis's narrative is one of the greatest sources of reading in Goiás. Originating from a regionalist tradition, but with its own timbre, his work, in the form of stories, poetry and novels, situated historically and spatially, entangles the dramatic problems of the country person of Goiás. With the objective of interpreting points of the representation of Goiás in detail in the way the work narrates this inhospitable territory, or the “big world without farm gate”, this work stems from an arc of dialogues constituted in the dynamic activism promoted by Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE). A problem mobilizes reflection: how does Bernardian fiction contribute to reading Goiás?

**Keywords.** Inhospitable, country person, narrative, regionalist, representation of Goiás.

---

## INTRODUÇÃO

O arco de diálogo de gente da cultura de Goiás – e fora de Goiás, em torno da obra de Bernardo Élis, tem sido efetivado com vibração e entusiasmo, especificamente a partir dos “Colóquios Primordiais Bernardo Élis”, evento contínuo criado, organizado e constituído pelo Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE). Mais que um evento, o que se tem visto é a constituição de um circuito cultural cujo centro é a literatura bernardiana, em torno da qual se irradiam produção de textos, organização de colóquios, entrevistas em jornais, produção de resenhas, edição de números especiais de textos interpretativos em revistas acadêmicas.

A leitura aberta, diversa e autônoma da rica e atualizada obra de Bernardo Élis, feita por professores, intelectuais, artistas plásticos, gente do campo do direito, ativistas culturais – e por outras identidades culturais, tem promovido um enriquecimento de compreensão de Goiás. Não à toa que vários palestrantes dos colóquios, tais como Ricardo de Assis Gonçalves, Tereza Caroline Lobo, João Guilherme Curado (2021), e outros, em tom categórico, afirmaram algo assim: “a leitura profunda de Goiás, de seus problemas originários, de sua cultura e de seus desafios, encontra na obra literária de Élis, uma fonte inigualável, necessária e viva”.

Problemas e temas estruturais de Goiás não são apenas a gravidade simbólica da narrativa bernardiana, mas a própria significação de sua literatura. Daí, que a relação entre latifúndio, coronelismo e ação política; violência, exploração do camponês e vida na roça; dramas do trabalho, preconceito social e loucura; e vida pacata, isolamento e desmando, são enredos de contos, poemas e romances do autor de Corumbá-GO.

Face a isso, a narrativa e o conteúdo da literatura bernardiana se efetivam como um tônus da memória social, cultural e política de Goiás. Como um patrimônio existencial e social, essa memória, com esmero e dramatização, expressa um modo de vida, assim como formas de exploração do trabalho; de dramas relacionais; de preconceitos e de convivência com a natureza. Dessa feita, a literatura bernardiana se nos apresenta como uma fonte rica para uma leitura geográfica e histórica de Goiás.

Estamos certos de que o prisma político dessa narrativa se faz esteticamente. Ou seja, a qualidade estética do texto bernardiano e a sua invenção criadora, não exteriorizam a representação de Goiás do traçado de suas linhas e imagens. Trata-se, pois, de uma obra de arte, legítima e criativa, que se compromete com o seu povo e com os que são explorados. Mas esse comprometimento não apazigua a responsabilidade estética e seus desígnios,

especificamente os fundados em qualquer obra artística do pleito literário, o de levar o leitor a se sensibilizar, a se emocionar e a se reconhecer na narrativa o que é do seu próprio mundo.

Por essa qualidade, a narrativa se universaliza. Ao narrar situações goianas o escritor pronuncia ricas situações humanas, em que se desdobram temas como a morte, a solidão, a luta, a exploração social, os vínculos com a natureza, a propriedade privada, a luta existencial diária.

No presente trabalho, propor-se-á uma interpretação de pontos centrais da representação de Goiás edificada por Bernardo Élis. Para isso, considerará o estatuto temporal em que a narrativa se constituiu. Por isso, é que noções que ganharam força depois da década de 1990 nas pesquisas científicas e mesmo na verve popular, como a noção de Cerrado, ou modernização agrícola, urbanização, para não serem anacrônicas, não serão interpretadas.

### **O mundão sem porteira**

A espreita sensível e arguta do escritor goiano relativo ao mundo vivido das pessoas simples de Goiás, sob uma orientação de uma leitura densa e cuidadosa de autores da cultura universal, não apenas da literatura, mas das ciências sociais e humanas, são expedientes que alimentam o olhar de Bernardo Élis sobre Goiás. Olhar Goiás a partir da ficção – e fazer da ficção uma fonte de interpretação de Goiás, parecem ser a primazia da obra inteira.

Uma característica dessa narrativa é a valorização dos adágios populares. Tomando-os como princípios de leitura e fontes de representação, o narrador e as personagens sublinham a leitura de Goiás. Vejamos:

Monsenhor não sentia o corpo, não sentia a vista, num gozo absoluto da mais perfeita euforia. Pala sua frente, estendia-se aquela largueza sem fim que são os horizontes amplos do Planalto Central, eito de chão que pega da base dos Pirineus até os confins da Bahia, brangendo as águas vertentes do Tocantins pra cá, do São Francisco pra acolá e do Paraná mais assim pressa bandinha de lá. No caixa prego, ‘contornos acinzentados’ de serras, ‘as chapadas se sucedendo em planos e planos’. Até a serra dos Veadeiros, naquele nunca-se-acabar de horizonte, era uma ‘pincelada azul-cinza, apaga-não-apaga que de tão recuada’. Por perto, as curvas femininas dos morrotes, ‘a delicadeza de pintura’ dos capões indicadores das manchas de terras férteis naquele oceano de campina verde. - Êta, mundão sem porteira! (Élis, 1966, p. 126).

Ao ler a narrativa, termos como “largueza sem fim”, “horizontes amplos do Planalto Central”, “chapadas”, “contornos das serras”, “nunca-se-acabar de horizontes”, até o desfecho tomando como prenda o adágio popular – “Êta, mundão sem porteira!”, vemos desfilar pontos de uma leitura espacial de Goiás: a do gigantismo territorial. Parece emblemático e documental

que o livro que lançou o escritor goiano no panteão da literatura brasileira recebeu o nome “Ermos e Gerais”.

O critério do tamanho do território e a consideração do relevo, especialmente a relação entre serras, chapadas e planos, sob o efeito de uma consciência pictórica da paisagem, enunciada como “pincelada azul-cinza...delicadeza de pintura dos capões”, se vergam numa ambiguidade: trata-se de uma paisagem bela, quase intocada, contudo, demonstrativa de uma precariedade social.

No quadro histórico e representacional da década de 1940, o pensamento social brasileiro, movido pela crença que o país deveria superar o atraso atávico substituindo o arcaísmo de uma vida rural por uma vida urbana, ou se alinhando aos ditames econômicos dos países capitalistas industrializados, levantava a bandeira que o Sertão brasileiro, ou o interior do país, deveria ser colonizado. A ideologia desenvolvimentista dava os primeiros acenos ideológicos e ditava a operação prática, inclusive com o planejamento e a construção de cidades planejadas, como foi o caso de Goiânia, inaugurada em 1937.

Seria congruente que Bernardo Élis, ele próprio uma pessoa do Sertão goiano, ao produzir a sua experiência humana e cultural entre camponeses, latifundiários, gente simples das cidades do interior goiano, trabalhadores de roças, movido por uma ânsia de leitura e de superação da precariedade social, acesse ao que operava no pensamento social brasileiro. Embora, olhasse Goiás postado na mensagem subliminar de “um mundão sem porteira”, a sua crítica à condição de violência estrutural que imperava naquele contexto, diferenciava-se, em termos ideológicos, do que era propagado pelo Estado brasileiro e por seus séquitos especificamente quando sloganizava o Sertão como terra vazia e como território isolado.

Herdeiro de uma tradição regionalista, fundado, como foi mencionado, concretamente na realidade de Goiás, Bernardo Élis, torna-se um leitor dose Ermos goianos. Interessante que, embora a noção de “Ermos” supunha distanciamento dos centros decisórios do país; do mundo rico desenvolvido; das instituições democráticas modernas; lonjura e vazio demográfico, a narrativa bernardiana alude à uma vida densa, cheia de dramas, ditada e constituída por relações que, no fundo, constituía uma especificidade.

Os Ermos goianos, alvo de uma crítica manifesta nas situações e nas personagens de quase toda o romanceiro e da contista do literato, careciam de ser transformados, não por ser vazio de eventos, fatos, tragédias, histórias de amor – e da loucura humana universal. Deveriam ser transformados porque eram um território injusto.

Ao analisar o lugar do escritor na história narrativa goiana, Teixeira (2014), ensina que:

Dentro desse panorama, Bernardo Élis se coloca a representar o sertão a partir da sua organicidade, das relações sociais nele existentes, denunciando as barbáries ocorridas em prol da manutenção do poder dos coronéis, tal como fizera Hugo de Carvalho Ramos em *Tropas e boiadas*. Contrapor as obras basilares *Ermos e Gerais* a *Tropas e boiadas* significa substancialmente estar no mesmo campo temático, mas com o aspecto estético muito diverso, pelo fato da primeira valer-se das conquistas da primeira fase geração modernista, enquanto a segunda ainda é portadora de uma linguagem estilizada, mas não caricata. (Teixeira, 2014, p. 14)

Como se vê na interpretação feita pelo professor de literatura, “o mundão sem porteira”, habitat de uma sociedade original e simples, indica uma vida difícil, sofrida e afeita ao exercício do trabalho rústico. No emblemático conto “A enxada”, a narrativa instrui a relação entre trabalho e natureza na ordem desse mundo gigante. A narrativa enuncia:

Piano já havia plantado o terreno baixo das margens do corgo, onde a terra era mais tenra, e agora estava plantando a encosta, onde o chão era mais duro. O camarada tacava os cotos sangrentos de mão na terra, fazia um buraco com um pedaço de pau, depunha dentro algumas sementes de arroz, tampava logo com os pés e principiava nova cova. Estava nu da cintura pra cima, com a saia de baixeiro suja e molhada, emprestando-lhe um jeito grotesco de velha ou de pongó. (ÉLIS, 1966, p.54)

O grau dramático da narrativa, com riqueza de detalhe, lê a relação entre trabalho e natureza na perspectiva do camponês destituído de terra e, inclusive, do instrumento de trabalho. Vê-se, também, a atenção à lógica de ocupação e uso do solo. Usar as terras baixas, ou seja, os solos com maiores teores de umidade e elevar a plantação às encostas, usando as próprias mãos e tocos de paus para construir as cavas onde se depositariam as sementes, demonstram o plano da contradição do “mundão sem porteira”: apesar de fartas disposições de terras, o regime de propriedade da terra, vinculada a poucas mãos, leva o camponês à degradação dramática.

Ao avaliar o livro *Ermos e Gerais*, o escritor, poeta e ensaísta, Miguel Jorge (2005), avalia que:

*Ermos e Gerais* pontifica histórias de um sertão inóspito, fragmentado em seu tempo, e num espaço em que cabe um pedaço de chão, um rancho e um rio; o desenho desse cenário se completa com a riqueza do ambiente natural e a miséria humana, em todos os sentidos, num contraste que jamais será interrompido a não ser pela ação do próprio social, surgem numa difusão cada vez mais intensa. No entanto, o ficcionista nos brinda sempre com sabias e bem urdidadas tramas psicológicas, com o apelo à fantasia erótica enredada em linguagem que oscila entre o poético e o brutal, beirando a oralidade. (Jorge, 2005, p. 86).

Atento ao ambiente, sábio que a vida humana e as relações sociais só se desenrolam num espaço que também lhes condicionam, como situou Jorge (2005), o campo da subjetividade, os torneios da emoção, as estratégias de enfrentamento ou de defesas, o modo de ver a si próprios, e, especialmente, a trama linguística de um dialeto caipira, se evocam em imagens de riqueza literária. Daí, que se a literatura, como quer Paz (1984), é arte em que o humano coloca a si mesmo como objeto, sujeito e significado, ou seja, é o humano falando de si mesmo – falando integralmente. Nesse ponto a literariedade bernardiana espraia humanidade e ensina. Ela ousa dizer que os Ermos produzem gente, produzem a vida de pessoas, ancoram e sustentam interesses conflitantes.

O poeta, crítico literário e intelectual, Gilberto Mendonça Teles (1997), estabelece uma leitura meticulosa do narrador de Ermos e Gerais. Ele diz que:

[...] o narrador de Ermos e Gerais procede de maneira bem diferente do narrador dos outros livros. Ele narra como se estivesse contando oralmente o que acabara de ouvir. Por trás de cada conto de Ermos e Gerais está, pode-se dizer, a estrutura de uma estória ou de um causo, quando não de uma lenda ou de um mito. É uma estrutura simples que suporta uma fábula (no sentido dos formalistas russos) também simples e por isso contada com o auxílio das técnicas da narrativa oral. É esse sentido de oralidade que determina a ressonância linguística do coloquialismo que marca as falas de narrador e personagem, já que a distância entre as duas figuras se vê às vezes praticamente eliminada. Daí o uso das técnicas dos contos populares (a abertura e fechamento dos contos, por exemplo) que o escritor vai buscar na tradição oral, bastante viva entre nós e funcionalmente representativa dos povos com grandes índices de analfabetismo. (TELES, 1997, p.136).

Como se lê em Teles (1997), o estatuto da narrativa, especificamente a do livro Ermos e Gerais, justaposta à tradição do romancista regionalista do período, finca suas prendas estilísticas na oralidade. O que posteriormente foi considerado sobre as cenas, as performances e as astúcias da tradição oral, em Bernardo Élis do Ermos e Gerais, são uma espécie de tradução do mundo concreto a qual ficcionaliza.

Mas parece mais que isso. A forma de contação de causos, ou a transformação de caso em causos, prenda estilística do roceiro, do caipira, do sertanejo ou do camponês, além de ser um recurso possível de uso da linguagem nas relações sociais, face ao elevado índice de analfabetismo, é feita também com arte, criatividade, humor. Em muitos casos, é também peças fabularias e ficcionais.

Os Ermos são território da oralidade – e da simplicidade. Andar com simplicidade, assim como comer, vestir, morar e pronunciar o mundo mediante, por exemplo, o coloquialismo, são móveis de uma vida concreta devidamente estetizada na narrativa

bernardiana. Os estudos de lexicalização, especificamente os desenvolvidos por Braz José Coelho (2005 e 2006) e Maria Helena de Paula Pontes (2007), mais à frente, notabilizam esse extrato cultural de valor político desenvolvido não apenas por Bernardo Élis, mas por Carmo Bernardes, Eli Brasiliense e Hugo Carvalho Ramos.

O falar simples, os adágios populares, as construções epifânicas, irônicas e humoradas dos sertanejos, indicam a congruência e a consequência entre espaço e linguagem. Os Ermos goianos, quase poder-se-ia dizer, têm o seu próprio idioma, ou os seus próprios idiomas.

O entrançamento entre o dizer do narrador e das personagens, funcionalizado entre a fala em forma erudita e os coloquialismos dos Ermos, esculpe imagens de força estética. Vejamos:

Aqui é o país das águas, claras águas que formam os rios do Brasil. Araguaia de suaves praias em curvas feminis; o Tocantins sisudo e duro como um velho comerciante, escachoadado soturno no leito fundo; o Paranaíba ligeiro e vigoroso, transformado em luz e energia pelas muitas catadupas. Goiás dá de beber a todas as terras do Brasil. (ÉLIS, 1987, p. 3).

Esse ponto reluzente do território cerradeiro, abrangendo a integralidade de Goiás, que são as fartas águas, bem compreendida pelo gênio de Altair Sales (2020), ao analisar a “teia hídrica do Cerrado”, é reconhecido em toda a obra bernardiana. Os Ermos – de terras e águas abundantes –, como se viu na narrativa aludida, padecem da miséria social, da violência, contudo, contribuem com três bacias hidrográficas: o Araguaia de suaves praias em curvas feminis; o Tocantins sisudo e o Paranaíba ligeiro e vigoroso.

Tal consideração, como tudo que enverga a escritura bernardiana, possui uma ressonância histórica. Os Ermos – de terras abundantes e águas densas –, possuem história e pela história devem ser lidos. O poema emblemático “O descobrimento” demonstra isso:

Um tropel maluco  
de mil patas  
no seio das matas.  
Um tiro de trabuco  
deu um bruto soco  
na quieteza virgem da paisagem.  
E homens da cor-de-areia,  
vindos da banda do mar,  
chegaram à beira do Rio Vermelho,  
resolveram-lhe os poços azuis  
em que dormiam palhetas cor-de-brasa  
e deitaram-lhe fogo às águas claras.

E o velho pajé muito velho,

cabeça branca das cinzas de muitas eras,  
num esgar medonho de fera,  
gritou: Anhanguera, Anhanguera!

Os homens da cor-de-areia  
bateram e venceram a nação dos Goiás.

Mas na noite viúva,  
quando o fogo sagrado lambeu a lua,  
- rascar de maracás,  
- zás-trás, zás-trás,  
- tutucar de tantãs,  
- grito de agouro: acauã-acauã,  
abriu-se na mata a flor do sumaré.  
E o velho pajé muito velho,  
num gesto hierático de bárbaro,  
erguendo as mãos para o céu,  
clamou: tupã, tupã!

O verde novo da floresta  
tinha um ar alegre de festa,  
E os homens da cor-de-areia,  
vindos da banda do mar,  
foram tombando à beira  
da fogueira que tingia a noite,  
suando de frio, tremendo de calor.

E o verde alegre da floresta  
tinha um ar novinho de festa (Élis, 1955, p. 25 e 26.)

A literatura bernardiana deitou palavras nos acontecimentos históricos que ergueram, com violência, brutalidade e episódios, os mais variados, o chão goiano. A leitura do poema “O descobrimento”, tal como a narrativa de “O Tronco (2008)” e “Chegou o Governador (1987)”, mostra a relação entre história, natureza e sociedade.

O conflito entre o colonizador – vindo do mar, e os povos indígenas, sustentados e afeitos às matas -, emblema seminal da criação de Goiás, como se fosse uma espécie de sina crônica, é que vai legitimar, outorgar a significação e justificar a obra literária de Élis. Uma estética consequente à crítica e uma crítica esmerada no tempo e no espaço são o hemisfério das páginas bernardianas, abertas à leitura, à aprendizagem, à motivação de ler, compreender e se comprometer.

### Considerações Finais

A obra de Bernardo Élis feita de poesias, contos, romances, memórias e entrevistas, está sendo alvejada por diferentes leituras e por diferentes leitores no atual período, especialmente a partir da agitação cultural provocada pelo ICEBE. O que se diz

costumeiramente em método de leitura pode ser sintetizado nessa frase: um texto bom é inesgotável. Isso é o que se percebe na obra bernardiana.

A realização do Colóquio Primordial cujo o tema foi “O Cerrado na obra bernardiana: perspectivas para um bioma ameaçado”, levou os participantes da mesa, os professores e pesquisadores Sandro Dutra, Altair Sales Barbosa, Eguimar Felício Chaveiro e Fernando Uhlmann Soares, e também gente estudiosa que o acompanhava, a fazerem, em concordância, a seguinte afirmação: na narrativa bernardiana os componentes naturais, paisagísticos, as águas, os relevos, a luz, o clima, as matas, o solo, os pássaros, as nuvens, a chuva – e outros – são destacados ativamente. Não há exteriorização entre o mundo natural do sertão goiano e a vida social que nele se constitui. Contudo, face às condições e às situações históricas em que a narrativa foi edificada, tal como se viu – e ainda se vê depois de 1980 até os nossos dias-, não há a noção de Cerrado como um domínio morfoclimático, como bioma, como sistema biogeográfico ou como região e território. Em Bernardo Élis, o Cerrado é apenas uma fitofisionomia. Ou seja, um ambiente incrustado em outros ambientes.

No presente trabalho tratamos de, a partir do adágio popular – êta, mundão sem porteira! -, expressão coloquial da verve popular do sertão goiano e brasileiro, averiguar o sentido de Ermos destacado por Élis. Coincidente, mas diferenciado do pensamento social brasileiro dos 1940, a montagem estilística e as representações de Goiás pela via da ficção bernardiana, consideraram que Goiás, localizado no interior do país, afeito à terras e águas abundantes, apresentava uma contradição inequívoca: de um lado a riqueza ambiental, do outro lado, a precariedade social.

Descontente com os altos índices de analfabetismo, com a violência promovida pelo coronelismo, com os desmandos políticos, com a injustiça social, com os preconceitos sociais e raciais, mas ciente da beleza natural e da potência dessa natureza dadivosa, a literatura de Élis situa Goiás a partir de categorias como distância, lonjura, isolamento, Ermo.

Mesmo nessas condições espaciais, a vida, ela toda, sensual, difícil, dramática, cheia de eventos diários inusitados e de tragédias diversas, empenha a universalidade humana. De tal modo que a leitura ficcional de Goiás da literatura bernardiana, esteticamente engrenada num engenho de rara criatividade, ao cabo, se apresenta como a leitura do humano – e de seus confins e meandros. Regional e universal, histórica e espacial, o tônus crítico da narrativa de Élis se fez esteticamente e a estética se compromete social e politicamente com o seu mundo.

Foi necessário considerar, por isso, a dimensão da narrativa. No livro Ermos e Gerais o entrançamento entre oralidade e linguagem erudita é a marca da força estilística. Os sujeitos concretos da região falam nutridos pelo que é possível culturalmente. Essa fala, longe de ser

apenas uma testemunha de um povo analfabeto, contém prendas estéticas, astúcias, jogos. Sabedoria.

Como se a narrativa fosse os ouvidos do camponês, do roceiro, do sertanejo, enfim, do sujeito simples de Goiás e se tornasse o seu tradutor, ela, transformada em literatura, é mais que uma audição. É uma fonte de criação. Um documento de vida, a vida mesma na peleja da significação.

## REFERÊNCIAS

COELHO, Braz José. Procedimentos de lexicalização- formação de palavras e expressões lexicalizadas na obra de Carmo Bernardes. 2005. 223p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa)- Universidade Paulista. Araraquara. 2005.

\_\_\_\_\_. Linguagem: conceitos básicos. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006

ÉLIS, B. **A terra e as carabinas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

\_\_\_\_\_. **A vida são as sobras**. Goiânia: Kelps, 2000.

\_\_\_\_\_. **Chegou o governador**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

\_\_\_\_\_. **Ermos e gerais (contos goianos)**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Literatura comentada**. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico por Benjamin Abdala Junior. São Paulo: Abril Educação, 1983.

\_\_\_\_\_. **O tronco: romance**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

\_\_\_\_\_. **Primeira chuva (poesia)**. Goiânia: Tip. e Enc. da ETG, 1955.

\_\_\_\_\_. **Veranico de janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1966.

GONÇALVES, R. J. de A. F. G.; LOBO, T. C.; CURADO, J. G. da T. **Colóquios Primordiais Bernardo Élis**. Goiás: ICEBE, 2021, Indisponível.

JORGE, M. Sessenta anos de Ermos e Gerais. Bernardo Élis: de corpo inteiro. In: UNES, Wolney (Org). **Bernardo Élis - Vida em obras**. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura - AGEPEL, 2005, p. 83-97.

SALES, A. **Réquiem para o Cerrado: o simbólico e o real na terra das plantas tortas**. Formosa, GO: Xapuri Editora, 2020.

TELES, G. M. **Dos Ermos aos Caminhos dos Gerais**. In: FREDERICO, E. Y.; LEÃO, F. C. (Orgs.). **Remate de Males: dossiê Bernardo Élis**. Campinas: Departamento de Teoria Literária – UNICAMP, 1997, p. 135-137.

PAZ, O. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PAULA, Maria Helena de. Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano. 2007. 521 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

TEIXEIRA, Á. S. A. 70 anos de Ermos e Gerais. In: **Anais Congresso de História**. Jatai-GO: 2014.

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Eguimar Felício Chaveiro**

Possui Graduação em Geografia pela Pontífice Universidade Católica de Goiás (1987), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (1996), Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2001) e Pós-Doutorado em Saúde do Trabalhador pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz/RJ). Atualmente é Professor Titular do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG). É Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Espaço, Sujeito e Existência "Dona Alzira". Mantém parcerias de trabalho com instituições em Moçambique/África, Cuba, Chile e Alemanha. Coordena projetos de pesquisas financiados pelo CNPq, CAPES e FAPEG. Desenvolve trabalhos ligados à abordagem territorial do Cerrado; saúde, trabalho e território; cartografias existenciais de Pessoas com Deficiência; Geografia, literatura e arte.

### **Fernando Uhlmann Soares**

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano - Campus Rio Verde/GO. Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG-Regional Jataí/2020). Mestre em Geomática (Geoprocessamento) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/2008). Licenciado em Geografia Plena pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel/2001). Coordenador do Laboratório de Inteligência Geográfica (LABIG). Tesoureiro da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) - Seção Goiânia. Integra o Grupo de Estudos Espaço, Sujeito e Existência (IESA/LABOTER/Dona Alzira). Ocupa a cadeira 40 do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE). Atua nas áreas de Geografia da População, Planejamento Territorial Urbano e Rural, Políticas Públicas, Sistemas de Informações Geográficas (SIG) e Geoprocessamento.

### **Adão Francisco de Oliveira**

Pós-Doutor (2021) e Doutor em Geografia (2011) pelo Instituto de Estudos Sócio Ambientais da UFG. Mestre em Sociologia (2002) pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. Graduado em História (1996) pela Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás. Foi Secretário de Educação, Juventude e Esportes do Tocantins em 2015 e 2016, tendo acumulado o cargo de Secretário de Estado da Cultura do Tocantins. É Professor da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFT de Porto Nacional. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFT em 2014-2015, sendo novamente o seu atual coordenador. Na UFT, foi Diretor de Pesquisa (2012), Assessor de Relações Institucionais da Reitoria de junho de 2012 a agosto de 2014 e também Chefe de Gabinete em Exercício. Foi professor da Unitins (abril de 2008 a julho de 2010), onde ocupou os cargos de Diretor de Pesquisa Institucional e Assessor de Pós-Graduação. Em Goiás, foi professor da UEG entre 2000 e 2007. Tem experiência nas áreas de Geografia Urbana e Regional e Sociologia Urbana, atuando principalmente nos temas de Planejamento e Gestão do Território e Desenvolvimento da Educação. É pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) Observatório das Metrôpoles - núcleo Goiânia desde 2002 e coordena o OPTE - Observatório de Políticas Territoriais e Educacionais. É organizador dos seguintes livros: "Cidades Sustentáveis: políticas públicas para o desenvolvimento"; "Educação na Alternância: cidadania e inclusão social no meio rural brasileiro"; "Educação, Democracia e Gestão Escolar: gestão democrática"; "Educação, Democracia e Gestão Escolar: temas contemporâneos"; "Fronteiras da Educação: desigualdades, tecnologias e políticas" e "Cidades na Amazônia Legal Brasileira".

---

*Recebido em setembro de 2021*

*Aceito para publicação em novembro de 2021*

*Publicado em novembro de 2021*